

INTRODUÇÃO HISTÓRICA AO ESTUDO DO ECUMENISMO - 6

NASCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO ECUMENISMO EM MEIO CATÓLICO

No último artigo dedicado ao estudo do ecumenismo e publicado no boletim nº 11 sob o título "[Do Movimento de Oxford às Conversações de Malinas](#)", abordamos brevemente os primeiros passos ecumênicos dados por alguns católicos em companhia dos anglicanos.

Precisamos agora retomar a questão em seu conjunto para ver em que momento o prurido ecumênico atingiu, por sua vez, o catolicismo, como ele se desenvolveu e sob quais influências, em seguida de que forma se impôs a uma autoridade reticente, e finalmente como triunfou a partir do Vaticano II, a ponto de constituir doravante o principal, quiçá o único projeto do atual pontificado, levando seu titular a celebrar numa capela luterana em Roma...

Esse desenvolvimento não é linear, e é o resultado de numerosas influências, ações, pessoas, redes, que se entrelaçaram de cem maneiras; portanto, é necessário, para um primeiro contato, recorrer a uma descrição em facetas, e é somente no final, quando se tiver tomado consciência do conjunto, que se poderá apreender a importância de cada uma, bem como seu lugar no movimento.

Nessa progressão insensível, onde os elementos se sobrepõem tanto em seu conteúdo quanto em sua cronologia, é difícil fixar etapas. Pode-se, no entanto, realizar três cortes esquemáticos: o primeiro período terminando por volta de 1925 com o fracasso das Conversações de Malinas, que marcam paradoxalmente o verdadeiro ponto de partida dos empreendimentos ecumenistas em meio católico.

A segunda etapa, que vai de 1925 até o Vaticano II, constitui o período mais rico e mais interessante, aquele em que foram progressivamente colocados em prática, entre 1930 e 1960, todos os mecanismos que impuseram o ecumenismo aos católicos, primeiro discretamente entre 1950 e 1960, depois com autoridade a partir de João XXIII.

A última etapa, que viu o ecumenismo triunfante, é muito mais conhecida de todos e, por isso, nos interessa menos, uma vez que se efetua quase a céu aberto. É, portanto, a segunda etapa, entre

1930 e 1960, que nos ocupará particularmente, mas antes precisamos voltar aos primeiros eventos ecumenistas em meio católico.

PRIMEIROS EVENTOS ECUMENISTAS EM MEIO CATÓLICO

Foi sob a influência do Padre Portal que o Papa Leão XIII realizou seus primeiros atos; pouco depois da carta "*Ad Anglos*" e enquanto trabalhava a comissão sobre as ordenações anglicanas, o Papa publicou a encíclica "*Provida Matris*", em 5 de maio de 1895, onde ordenou que uma novena fosse celebrada anualmente para apressar a obra de reconciliação dos irmãos separados, e que ela fosse fixada nos dias que separam a Ascensão do Pentecostes. Paralelamente, uma comissão pontifícia foi criada para favorecer a reconciliação dos dissidentes. Dois anos depois, em 5 de maio de 1897, uma nova encíclica, "*Divinum illud Munus*", estabeleceu essa novena perpetuamente.

Mas enquanto isso, a carta "*Apostolicae Curae*" de 13 de setembro de 1896, que decidiu negativamente a questão da validade das ordenações anglicanas, fez cair as esperanças ecumênicas, que só reacenderiam vinte e cinco anos depois, entre 1921 e 1925, com os Diálogos de Malinas.

A segunda iniciativa é típica desse período em que muitos anglicanos oscilavam entre a Igreja e a Reforma. Em 1908, foi fundada a "*Church Unity Octave*", uma cruzada de oração pela unidade cristã lançada por dois anglicanos, o inglês Spencer-Jones e o norte-americano Levis-Thomas Wattson; após um sermão pró-católico de Jones, reproduzido em um livro ao qual Wattson fez eco nos EUA, a primeira celebração da oitava ocorreu em fevereiro de 1908.

Mas no ano seguinte, Wattson, fundador anglicano e americano da Comunidade Religiosa da Reconciliação, converteu-se ao catolicismo, arrastando sua comunidade. A partir de então, Pio X aprovou a oitava, e depois Bento XV a indulgenciou, assim como Pio XI posteriormente, enquanto a revista "*Living Church*", órgão da Igreja Episcopal (anglicana) dos EUA, a atacava continuamente, já que, de anglicana, ela se tornara católica.

A campanha do Padre Wattson seria difundida na França a partir de 1920 pelos folhetos do "*Reino Social do Sagrado Coração por Maria Imaculada*", mas, obviamente, não teve eco do lado dos irmãos separados, pois estava voltada para sua conversão, da qual eles não queriam ouvir falar.

No entanto, exatamente no momento em que os Diálogos de Malinas fracassavam em condições que abordaremos mais adiante, um homem se preparava para entrar na arena, que desempenharia um papel muito importante na propagação do ecumenismo em meio católico: trata-se do Padre Paul Couturier. Antes de abordar a ação do Padre, devemos examinar as etapas de sua formação e os elementos que contribuíram para ela.

A FORMAÇÃO DO PADRE PAUL COUTURIER

Nascido em 1881 em Lyon, tornou-se padre em 1906 na Sociedade dos Padres de Santo Ireneu e, após uma licenciatura em ciências, foi nomeado em 1909 professor de Matemática e Ciências Naturais no colégio dos Chartreux, onde lecionou por quarenta anos. Mas, paralelamente a essa atividade docente, o Padre fez uma série de encontros que o orientaram definitivamente,

especialmente o de Victor Carlhian e do Padre Albert Valensin. É importante, portanto, situar bem o ambiente em que brilhavam esse piedoso leigo e esse ilustre jesuíta.

Victor Carlhian, pequeno industrial, havia sido alguns anos antes um dos pilares lionenses do "*Sillon*" de Marc Sangnier e mantinha em sua casa uma espécie de salão onde se reuniam todos os elementos de ponta do catolicismo lionense dos anos 20.

Para situar a época, é preciso lembrar que, com a morte de São Pio X em 1914, os católicos integrais haviam sido varridos; após a guerra, com Pio X reinando, os progressistas franceses preparavam, com a ajuda de alguns bispos, o complô que resultaria na condenação da Ação Francesa e, portanto, como previsto, na esterilização da melhor parte do catolicismo francês, deixando assim o campo livre para os progressistas após 1926 (nota 1).

Um dos principais participantes do salão Carlhian era o Padre Valensin, grande amigo do filósofo modernista Maurice Blondel, com quem mantinha uma correspondência das mais reveladoras.

Carlhian e Valensin assumiram a orientação do Padre Couturier, homem sincero, mas frágil, e conseguiram "reciclá-lo"; a operação se deu ao longo de vários anos, mas os momentos fortes foram os retiros de Santo Inácio que o Padre Valensin pregava em pequeno grupo em Saint-Ours, no Delfinado, na casa de campo da família Carlhian. O Padre saiu deles com uma fé renovada, "aberta", como diriam seus novos mentores, enquanto ele era mais tradicional de acordo com suas origens familiares.

Ele também sofreu a influência do pensamento de Newman que, segundo seu biógrafo e sucessor, o Padre Villain, *"o desviou radicalmente da ideia de um possível retrocesso no processo de união dos cristãos: é sempre para frente que ele pressentirá o ponto de encontro deles, por uma integração de todos os valores cristãos"*.

Além disso, baseando-se em sua generosidade e em sua necessidade de dedicação, o Padre Valensin colocou o Padre Couturier em contato com os emigrantes russos que acabavam de fugir da Rússia soviética e que somavam cerca de dez mil na região de Lyon por volta de 1923 (nota 2).

Essa convivência não deixou de familiarizar o Padre com elementos não católicos em condições eminentemente favoráveis à sua contaminação, devido à real penúria desses refugiados e ao caráter sentimental e místico de sua religião. Essa ação caridosa o levou, de forma bastante lógica, em julho de 1931, a uma estadia de um mês na Bélgica, junto aos Beneditinos de Amay, onde sua consciência ecumênica se precisaria definitivamente; convém, portanto, examinar a natureza exata dessa comunidade.

Um dos membros mais ilustres dessa seita é o Barão Marsaudon, embaixador da Ordem de Malta, conhecido principalmente por duas de suas obras: *"O Ecumenismo Visto por um Maçom de Tradição"* e *"Da Iniciação Maçônica à Ortodoxia Cristã"*.

O priorado de Amay foi fundado por Dom Lambert Beauduin para ser um centro de encontros entre católicos e ortodoxos, com ênfase na liturgia, que era praticada de forma dupla, ocidental e oriental. A doutrina subjacente a esse empreendimento será facilmente julgada quando se souber que Dom Beauduin era o conselheiro teológico do Cardeal Mercier durante as Conversas de

Malinas, e que foi a divulgação de um relatório redigido por ele nessa ocasião que provocou um alvoroço em Roma e fez fracassar as Conversas em 1925 (nota 3).

Dom Beauduin, para salvar sua obra monástica, teve que aceitar o exílio e, acolhido pelos dominicanos franceses, tornou-se seu principal conselheiro em matéria litúrgica (cf. nosso estudo sobre as origens do CPL, [Boletim nº 6](#)). Pode-se observar que, mais uma vez, Roma contentou-se com meias-medidas e deixou subsistir um foco de heterodoxia cuja influência foi profunda e ainda existe.

De todo modo, o Padre Couturier, que nunca havia manifestado interesse pela oitava de Wattson, embora o Cardeal Maurin de Lyon a tenha recomendado vivamente a seus fiéis, lançou-se em uma intensa atividade ecumênica a partir do inverno seguinte.

A AÇÃO ECUMÊNICA DO PADRE COUTURIER

Definitivamente convertido à causa ecumênica por sua estadia no Priorado de Amay, o Padre Couturier organiza em janeiro de 1933 um primeiro tríduo pelo retorno à unidade.

Ele tem então mais de cinquenta anos, mas inicia sua verdadeira carreira, aquela que o tornará um pilar, à sua maneira, do empreendimento ecumênico que evidentemente contará com muitos outros obreiros. À sua maneira, pois é privilegiando um certo estilo, discreto, untuoso, eclesiástico no sentido caricatural da palavra, que ele desenvolvia consideravelmente seus contatos com os outros ecumenistas mundiais, os Ortodoxos, os Anglicanos, os Reformados e o Conselho Ecumênico das Igrejas mais tarde.

Tratava-se então, ao que parecia, apenas de ecumenismo espiritual, graças à oração universal dos cristãos pela unidade, segundo sua própria expressão. Na realidade, sob essa cobertura podia nascer um espírito novo que cresceria após a guerra de 39/45 e que se afirmaria abertamente a partir do Concílio Vaticano II: a amalgama prática entre católicos e diversos heterodoxos operou pouco a pouco, ao longo dos anos e décadas, essa redução pelo baixo que se podia facilmente prever, e isso tanto mais que o ecumenismo protestante tomava o impulso doutrinal e institucional que já vimos.

O próprio Padre testemunha que compreendia perfeitamente essa progressão quando escrevia em 1936 em um boletim paroquial de Lyon:

“O tempo do trabalho dos teólogos e das hierarquias ainda não chegou, mas chegou, é urgente, o trabalho de saneamento psicológico pela oração, pela bondade, pela estima recíproca dos indivíduos e de todos os seus valores humanos e cristãos, todos frutos suaves da Caridade.”

Após o tríduo de 1933 pregado pelo Padre Albert Valensin, o ano de 1934 viu desabrochar uma Oitava solene de oração de 18 a 25 de janeiro, que atingiu seu auge no ano seguinte, em 1935, com a participação ortodoxa tornando-se importante, o que não deixou de perturbar alguns amigos

do Padre. Essa reação confirma que o empreendimento incluía então muitos ingênuos conduzidos por líderes mais seguros de seus objetivos.

Nessa fase, as concepções do Padre Couturier impregnaram-se do espírito ortodoxo, ou pelo menos ele começa então a manifestá-lo exteriormente; vê-se assim adotar uma fórmula do metropolita Platão de Kiev, retomada para ele pelo metropolita Eulógio, segundo a qual "*os muros que nos separam (católicos e ortodoxos) não sobem até o céu*".

Essa fórmula, fundamento teológico da União das Igrejas, será utilizada posteriormente pelo Padre, que se preocupará em dar uma forma teórica à sua concepção de ecumenismo; seu estudo sobre "*a psicologia da Oitava*", muito aprovado pelos dois primeiros censores a quem o confiou: o Padre Albert Valensin e o Padre de Lubac..., foi publicado em dezembro de 1935 pela Revista Apologética.

A evolução prosseguiu em 1936. A palavra Oitava, sem dúvida muito católica de origem, desapareceu no título, que se tornou simplesmente "*Pela Unidade dos Cristãos*", ao mesmo tempo em que a perspectiva se alargava a Israel e ao Islã.

A ação liderada em Lyon pelo Padre também se realizava em Paris, e nesse ano de 1936 a Oitava revestia grande importância no Sagrado Coração de Montmartre, onde as oito conferências foram confiadas ao RP Congar, autor em 1937 de um livro que fará época na matéria: "*Cristãos Desunidos - Princípios de um Ecumenismo Católico*", que retomava as conferências de Paris.

O estudo sobre a Psicologia da Oitava, nesse mesmo ano de 1935, vai angariar em torno do Padre um grande número de simpatias em todo o mundo e, durante os dois anos seguintes, fará dele o centro de uma enorme correspondência que o levará a retomar seu trabalho em 37 e 38.

É fácil ver que por volta do ano de 1937 a causa ecumênica está, senão já muito popular, pelo menos claramente instalada em suas teorias e em seus homens: as primeiras equipes estão reunidas e começa-se a vê-las em ação.

Em 1937, o Padre lançou um apelo aos superiores de ordens religiosas e encontrou eco em diversos mosteiros, como Trapas, Carmelos e, claro, nos Jesuítas.

No mesmo ano, 17 jornais franceses divulgaram os artigos publicados pelo Padre, além de algumas revistas religiosas. Entre os autores desses artigos estavam Jean Guittot, Marcel Légaut, o Padre Donceour e Jean Lacroix. Aos poucos, o Padre expandiu consideravelmente sua lista de autores e jornais aliados, realizando um imenso trabalho de propaganda e difusão junto ao grande público.

Para isso, ele se apoiou muito, especialmente do ponto de vista financeiro, na Obra da Propagação da Fé, bem como na Faculdade de Teologia, nos escolasticados Jesuíta de Fourvière e Marista de Sainte-Foy, e na casa dominicana do Santo Nome de Jesus.

Em 1939, surgiu um novo título: "*A Universal Oração dos Cristãos pela Unidade Cristã*", cuja intenção bem precisa destacava a inversão do pensamento: "*É inútil querer imaginar que primeiro se realize a Unidade dos espíritos na Verdade e depois a União dos corações na Caridade*". Para isso, "*é necessário que toda a massa cristã seja sacudida pela oração universal, que experimente*

um abalo sobrenatural que faça ruir todos os preconceitos... será como um segundo Pentecostes."

Em 1943, o folheto anual revelou a noção do "Mosteiro Invisível", ao qual o Padre dava tanta importância e dedicava tantos cuidados: *"tratava-se do conjunto das almas, para além de todas as confissões particulares, que se tornaram sensíveis ao doloroso estado de separação dos cristãos, constituindo como uma imensa rede que envolve a terra e cuja influência poderia preparar a aurora da Unidade Cristã"*.

O folheto de 1946, cujo desenho retomava o tema *"dos muros da Separação que não chegam ao céu"*, desenvolvia a ideia de que *"é pela revivificação de cada grupo cristão que se avançará rumo a uma apreensão semelhante da mensagem revelada e que se chegará finalmente à unidade"... "a Unidade não será o triunfo de uma Igreja, nem mesmo da Igreja-mãe, mas o triunfo do amor de Cristo"*. Deve, portanto, haver uma emulação espiritual entre as Igrejas cristãs, emulação que levará ao arrependimento pelos erros da história e *"para os católicos, à necessidade de reparar os danos causados pela Noite de São Bartolomeu e pela Revogação do Édito de Nantes"*.

Percebe-se que o tom "moderno" foi estabelecido e, posteriormente, até a morte do Padre em 1953, poucas noções novas surgiram; o peso de uma rede de contatos considerável e, depois, a doença fizeram com que sua ação continuasse em seu curso, sem esquecer que, por volta de 1950, o ecumenismo já estava tão consolidado e mobilizava tantos trabalhadores que a contribuição do Padre se tornou menos importante.

A PROPAGAÇÃO PELA FRANÇA

Fora de Lyon e Paris, algumas cidades aderiram rapidamente à fórmula da Semana de Oração.

Estrasburgo, já em 1937, após um encontro na casa de Carlhian entre o Padre Remillieux (primeiro promotor prático da revolução litúrgica), o Padre Couturier, um pastor franco-condado e um advogado alsaciano. O advogado, senhor Schmidt, fundou um círculo ecumênico de estudo e, em seguida, organizou a Semana de 1938 com o Padre Congar. Em 1939, ortodoxos e protestantes participaram. Após a guerra, a ação foi continuada pelo grupo *"Una Sancta"*, uma equipe de padres especializados em liturgia e pastoral, e essencialmente ecumênica.

A partir de 1950, os contatos e reuniões conjuntas, especialmente com os universitários protestantes, numerosos em Estrasburgo, tornaram-se muito frequentes, e por volta de 1955, a mentalidade ecumênica predominava na Alsácia e no Franco-Condado.

Em Marselha, a Semana começou em 1940 com o cônego Sasia, superior do Grande Seminário, logo substituído por uma leiga a partir de 1943; graças à rede da Paróquia Universitária, a influência se espalhou rapidamente para Aix, Nice, Toulon e Avignon.

Em Toulouse, a fórmula começou com um grupo de seminaristas, incentivados por seu superior e logo por seu bispo, o cardeal Saliège. O ciclo de conferências de 1945 abordou *"a alma religiosa dos povos e a Unidade Cristã"* e permitiu que um swami hindu explicasse diante do arcebispo *"o que é Cristo para a alma religiosa hindu"*.

Em Lille, a iniciativa partiu do próprio cardeal Liénart, que criou em 1943 um "centro diocesano de Unidade Cristã", encarregado tanto da formação ecumênica quanto da Semana de Oração. As conferências eram depois repetidas nas principais cidades do Norte, e mantinham-se contatos regulares com protestantes e ortodoxos; a cada ano, a sessão solene no grande salão da Universidade Católica era presidida pelo cardeal, assistido por um pastor protestante e um arquipreste ortodoxo.

Em muitas outras cidades, a Semana começou por iniciativa da "Paróquia Universitária" ou do grupo "A Amizade", fundado pelo protestante Miroglio, ambos já interconfessionais por natureza.

Agora precisamos voltar atrás para ver como essa rede de relações se constituiu e, sobretudo, quais elementos a formaram.

AS REDES ECUMÊNICAS DO PADRE COUTURIER

Entre os Ortodoxos – Já vimos as reações do Metropolita Eulógio à carta sobre a Oitava; o Padre também recebeu respostas do Arquimandrita Cirico do Monte Atos, e de Dom Tícon, Arcebispo de Berlim; mais tarde, de Dom Benjamim, Patriarca de Constantinopla, de Dom Gavriilo, Metropolita Búlgaro, e de outros do Monte Atos ainda.

Ele também estabeleceu numerosos laços na "*Comissão Internacional Pro Deo*", fundada em Genebra em 1933 como uma "*cruzada contra os sem Deus*" por cristãos de todas as confissões refugiados do Leste Europeu. Entre os muitos refugiados, o Padre encontrou vários intelectuais já mais ou menos ligados ao movimento ecumênico não católico, como os professores Zyzykine, Arseniew, Zander e Kovalevsky, graças aos quais a causa da Semana pela Unidade foi amplamente difundida em meio ortodoxo.

Entre os Anglicanos – Foi também por meio de seus amigos russos que o Padre entrou em contato com os anglicanos a partir de 1934, especialmente com aqueles da tendência *High Church*, oriundos de Pusey, como os beneditinos de Nashdom ou os responsáveis pela "*Sociedade para Promover a Unidade Católica*": trata-se dessa tendência anglo-católica que estudamos em dois artigos do [Boletim nº 11](#) e da qual os católicos ingleses tanto desconfiavam.

Pouco a pouco, o número de correspondentes ingleses do Padre ultrapassou a centena, e vários deles, guiados por ele, vieram ao continente para visitar os pontos nevrálgicos: Instituto Católico, convento dominicano de Saulchoir, Seminário de Saint-Sulpice...

Em 1937, o próprio Padre fez uma primeira viagem à Inglaterra, que lhe permitiu visitar a maioria de seus amigos, bem como uma dúzia de mosteiros. Ele percebeu que suas primeiras relações representavam apenas uma fatia do anglicanismo e, no ano seguinte, em 1938, voltou à Inglaterra para se encontrar com os defensores de uma linha menos "católica", mais centrista; estes, bem introduzidos na hierarquia anglicana, decidiram fundar a "*Semana da Oração Universal*", enfatizando assim o liberalismo do Padre Couturier, como escreveu inclusive o Padre O'Brien, superior dos Padres de São João Evangelista:

"As possibilidades do movimento em direção a uma oração comum haviam sido, por um tempo, obscurecidas pela exigência daqueles que requeriam, na base, certas proposições controversas. Foram nossos irmãos romanos, e particularmente o Padre Couturier, que libertaram o movimento dessa complicação e pediram que se observasse a Oitava sem qualquer referência a esses pontos de controvérsia e com total liberdade quanto à prática. Este foi um desenvolvimento realmente esclarecedor, e resultou em uma observância simultânea da oitava por romanos, ortodoxos, anglicanos, luteranos, protestantes franceses e muitos outros, em proporções que crescem a cada ano ."

Entre os Reformados – Apesar de suas numerosas relações com ortodoxos e anglicanos, considerados mais próximos do catolicismo, foi com os reformados que o Padre Couturier estabeleceria os laços institucionais mais estreitos, após os primeiros contatos que começaram por volta de 1936, orientando-se em três direções complementares ao longo da década seguinte.

O primeiro grupo com o qual o Padre entrou em contato foi o de Erlenbach, na região de Berna. A Fraternidade São João reunia um pequeno grupo de pastores suíços, dedicado ao ecumenismo e que se reunia várias vezes ao ano para trabalhos de reflexão discreta.

Após uma troca de cartas, o Padre Couturier enviou o Padre Remillieux, grande viajante, como explorador junto aos suíços e, a partir de então, estabeleceu-se um diálogo entre o grupo de Erlenbach e a paróquia do Padre Remillieux, Notre-Dame Saint Alban em Lyon. Durante a semana da Páscoa de 1937, o Padre Remillieux participou de uma espécie de retiro com cerca de trinta pastores dessa Fraternidade, do qual voltou entusiasmado.

A conclusão desses intercâmbios foi a formação de um grupo ecumênico misto e regular, metade suíço e metade francês, ou seja, lionês, cujo recrutamento evoluiu gradualmente: do lado protestante, pastores da Suíça Romanda e franceses vieram reforçar os alemânicos, enquanto do lado católico, chegaram muitos professores das faculdades de teologia e de diversos escolasticados religiosos, com os efetivos passando de uma dezena para cerca de trinta.

Os encontros anuais duravam quatro dias durante as férias grandes e ocorriam alternadamente na França, na Abadia das Dombes, em Ain, e na Suíça, primeiro em Erlenbach e, depois que a influência da Suíça Romanda passou a dominar, em vários lugares: Pressinge, perto de Genebra, Grandchamp, perto de Neuchâtel, e, finalmente, Taizé.

O primeiro encontro, em julho de 1937, na Abadia das Dombes, reuniu, além de três pastores berneses, o Padre Couturier, o Padre Richard, o Padre Remillieux, o Padre Montchanin (futuro eremita na Índia e apóstolo da aproximação com o hinduísmo, na companhia de Dom le Saux) e, claro, Victor Carlhian, que depois esteve presente em todas as reuniões.

Em agosto de 1938, dois outros pastores protestantes juntaram-se ao grupo: o pastor Peter Barth, irmão de Karl Barth e editor de Calvino, e Otto Strasser, professor de História Eclesiástica nas Faculdades de Berna e Neuchâtel. Em agosto de 1939, nas Dombes, vemos aparecer o Padre

Chaillet, que criaria o *Témoignage Chrétien* alguns anos depois, na época professor em Fourvière e especialista em Teologia da Igreja.

Em julho de 1942, uma nova reunião foi realizada em Erlenbach após uma interrupção de dois anos devido à guerra; mas, entretanto, o Padre Couturier havia se relacionado com pastores da Suíça francófona, portanto de língua francesa, de um nível cultural totalmente diferente, e em setembro de 1942 surgiu no mosteiro de Dombes um segundo grupo ecumênico, na continuidade do de Erlenbach, certamente, mas que na prática viria a tomar seu lugar.

O responsável por este novo grupo era o Pastor Jean de Saussure, pregador em Genebra e promotor do movimento neocalvinista de língua francesa; membro da comissão teológica de *Faith and Order*, ele estava em estreita relação com os anglicanos e o Conselho Ecumênico das Igrejas então em formação. — Apresentando o pastor Visser't Hooft ao Padre Couturier, ele lhe escreveu na ocasião:

“Ele é holandês, mas é um dos nossos há cerca de quinze anos... é secretário do Conselho Ecumênico em formação, encontra-se, portanto, no centro do movimento ecumênico, é universalmente informado e possui todo o tato desejável nas relações interconfessionais.”

Na verdade, há um ano o pastor de Saussure preparava seu grupo, que uma casa de retiro protestante recém-inaugurada perto de Genebra podia agora acolher em alternância com Dombes. Muito mais estruturada intelectualmente, essa equipe incluía professores das faculdades de Genebra, Lausanne e Montpellier, membros do C.O.E., pastores de Genebra e do cantão de Vaud, e irmãos de Taizé, e, do lado católico, além do núcleo inicial, alguns professores da Faculdade de Teologia de Lyon, jesuítas de Fourvière, maristas de Sainte-Foy e alguns padres diocesanos.

Os textos integrais desses trabalhos nunca foram publicados; apenas apareceram aqui e ali algumas conferências isoladas, e em 1946 e 1947 foi elaborado um relatório, mas para uso exclusivo dos participantes: é que seu conteúdo não podia ser divulgado ao público, pois a teologia ecumênica era, segundo a expressão do Padre Villain, um trabalho de laboratório, uma disciplina que se cria, cujos resultados não são imediatamente ponderáveis.

Em 1943 e 1944, a guerra impediu novamente os encontros transfronteiriços, e em 1945 a reunião prevista em Taizé não pôde ocorrer devido à oposição hierárquica; no entanto, pequenas reuniões foram organizadas aqui e ali entre os franciscanos, os maristas, na casa de Carlhian, no lar Notre-Dame des Ondes. Foi somente a partir de 1946 que as grandes sessões foram retomadas com regularidade: em Pressinge, em 1946, sobre o tema *"Tradição e Escritura"*; em Dombes, em 1947, sobre *"Estrutura da Igreja, coordenadas místicas e hierárquicas"*; em Grandchamp, em 1948, sobre *"Autoridade e Profetismo"*; em Dombes, em 1949, sobre *"A Pastoral dos Sacramentos"*; em 1950 e 1951, sobre *"A Dogmática dos Sacramentos"*; em 1953, alguns meses após a morte do Padre Couturier, um retiro sobre o tema do "Pai Nosso" substituiu a sessão habitual, e ocorreu em Taizé, já que a hierarquia não via mais inconvenientes... pois, entre 1945 e 1953, os laços do Padre com os irmãos de Taizé haviam se estreitado consideravelmente, como veremos em breve.

A AÇÃO DO PADRE COUTURIER EM DIREÇÃO A ROMA

Se não era muito difícil para o Padre ser aceito junto aos ecumenistas protestantes, o mesmo provavelmente não acontecia em Roma, e ele teve que demonstrar muita prudência para atingir seus fins.

No início, foi o apoio constante do Cardeal Gerlier que lhe permitiu lançar com sucesso a "*Semana da Oração Universal*" e que o protegeu em várias ocasiões nas altas esferas. Isso não deve nos surpreender muito, se lembrarmos que, mais ou menos na mesma época, por volta de 1943/1945, o mesmo bispo também era o protetor dos promotores da nascente Revolução Litúrgica (cf. o estudo sobre as origens do Centro de Pastoral Litúrgica, publicado no [Boletim nº 6](#)).

No início de 1948, o Padre entrou em contato com o Reverendo Padre Boyer, prefeito da Universidade Gregoriana e presidente da Associação Unitas, a quem expôs suas concepções e que se tornou seu agente de ligação em Roma para os assuntos do ecumenismo. Mas alguns meses depois, enquanto o Conselho Ecumênico das Igrejas preparava sua grande Assembleia de Amsterdã, um *monitum* do Santo Ofício de junho de 1948 declarava que os católicos, clérigos ou leigos, não poderiam participar de tais reuniões ecumênicas sem a autorização da Santa Sé, e lembrava aos bispos o dever de vigilância; em seguida, uma carta do arcebispo de Utrecht dirigida a todos os convidados esclarecia que essa autorização não seria concedida a ninguém.

Os ecumenistas, tanto protestantes quanto católicos, sentiram o golpe; vinte anos de contatos e conciliábulos seriam perdidos? A Igreja Católica taparia a brecha que alguns de seus filhos já haviam aberto em seu flanco?

Os mais hábeis se esforçaram para minimizar o impacto dessa medida por meio de uma interpretação indulgente: assim fez o pastor Max Thurian (uma das duas cabeças de Taizé), com um artigo explicativo publicado na revista *Verbum Caro*, que o Padre Couturier fez chegar a Roma por intermédio do cardeal Gerlier, junto com um memorial sobre os encontros ecumênicos por ele organizados há mais de dez anos.

Em seguida, em março de 1949, os pastores Schutz e Thurian viajaram a Roma, onde encontraram, entre outros, o Padre Boyer, que os tranquilizou: um feliz acaso lhe permitira estar em Amsterdã no momento da Assembleia Ecumênica, e o eminente jesuíta pôde acompanhar seu desenrolar dia a dia graças a seus contatos com o pastor Visser't Hooft, e ele considerava o C. O. E. como uma manifestação do Espírito Santo...

Com Monsenhor Montini, braço direito do Papa, a discussão foi cordial, e os visitantes partiram muito impressionados com a humildade do secretário em relação aos protestantes.

Na audiência pontifícia, os dois irmãos de Taizé insistiram na necessidade de contatos entre os responsáveis pelo Ecumenismo e Roma, e até mesmo na necessária presença do catolicismo no movimento ecumênico, e reiteraram a impressão de que o Papa concordava com o princípio do envio de observadores.

De fato, em 20 de dezembro de 1949, o Santo Ofício promulgou a Instrução *Ecclesia Catholica*, destinada a explicar o *Monitum* do verão de 1948; por este texto, a Igreja reconhecia pela primeira vez o fato do Ecumenismo, embora formalmente rejeitado vinte anos antes pela Encíclica *Mortalium Animus* (de 6 de janeiro de 1928), e, de certa forma, ela aceitava assumir seu lugar no movimento ecumênico.

A responsabilidade ecumênica foi confiada aos bispos encarregados de "*vigiar, promover e dirigir com prudência*" as atividades e os contatos; a porta estava, portanto, aberta por onde poderiam entrar as equipes já bem treinadas por dez anos de trabalho discreto.

As precauções, sobretudo verbais, que cercavam a Instrução *Ecclesia Catholica*, e que assustavam tanto alguns protestantes, na verdade não deveriam conter o ímpeto dos ecumenistas católicos: ao contrário, constituíam o quadro jurídico-teológico que daria legalidade e validade às suas iniciativas passadas e futuras, segundo o esquema clássico dessa "revolução vinda de cima" que se encontra em muitos outros domínios, a liturgia, por exemplo.

Imediatamente, o terreno estava limpo para os Irmãos de Taizé, que fizeram em junho de 1950 uma segunda viagem a Roma, preparada como a primeira pela ação do Cardeal Gerlier. As mesmas entrevistas ocorreram, às quais se somou a com o Cardeal Ottaviani, Assessor do Santo Ofício, e do conjunto resultou que a questão dos observadores havia avançado muito em poucos meses. Ela foi efetivamente resolvida no sentido desejado pelos ecumenistas, pois dois anos depois, em 1952, houve observadores católicos oficialmente mandatados na Assembleia de Lund.

O Padre Couturier pôde morrer contente no ano seguinte, em 1953; a causa à qual dedicara quase trinta anos de sua vida, abrir a Igreja Católica ao Ecumenismo Protestante, havia triunfado; alguns anos mais tarde, com a morte do Papa Pio XII e a chegada de João XXIII, essa causa abominável triunfaria, impondo-se até mesmo como pano de fundo para todo o segundo Concílio do Vaticano, cujas decisões orientaria.

P.R.

Nota 1 – A situação aqui esboçada em grandes linhas deve ser conhecida dos nossos leitores em seus detalhes para que possam ser compreendidos os desdobramentos próprios de cada domínio particular, hoje o ecumenismo, outra vez a liturgia ou a questão social, etc. – Precisaremos retornar a isso, o que faremos terminada esta série.

Nota 2 – Essa chegada maciça de emigrantes russos está na origem de um duplo movimento; por um lado, como vemos aqui, permitiu que elementos franceses progressistas entrassem em contato estreito com ortodoxos e, portanto, se contaminassem com esse contato; por outro lado, levou russos e franceses a conceber a criação de uma ortodoxia para os próprios franceses, o que foi realizado com a Igreja Católica Ortodoxa da França, notável por suas ligações maçônicas comprovadas e sua boa inserção no seio da Igreja Católica oficial.

Nota 3 – Durante a 4ª Conversação de Malinas, Dom Beauduin havia enviado ao Cardeal Mercier, de quem era conselheiro, uma memória sobre a Igreja Anglicana unida, não absorvida. – O texto foi lido em reunião pelo cardeal sob sua autoridade, o que provocou uma primeira rejeição em Roma.

Posteriormente, Lord Halifax, o promotor anglicano do Ecumenismo, cometeu a imprudência de publicá-la em 1930; Roma se irritou e Dom Beauduin teve de se exilar por mais de vinte anos; ele retornou, contudo, a Chèvetogne em 1953 e ali morreu em 1960, tendo seu pensamento adquirido irradiação suficiente na Igreja que havia contaminado durante esse tempo.

As autoridades romanas estavam perfeitamente conscientes dos perigos doutrinários e práticos do ecumenismo. Faltando uma verdadeira reação, o Papa Pio XI deu diretrizes precisas quanto à doutrina católica sobre este ponto: este foi o objeto da Encíclica *Mortalium animos*, de 6 de janeiro de 1928. Em vez de citar algumas linhas aqui mesmo, reproduzimos vários excertos em apêndice, ao final deste estudo.

EXCERTOS DA ENCÍCLICA *MORTALIUM ANIMOS* de 6 de janeiro de 1928

Este texto pontifício analisa magnificamente as raízes do erro ecumenista e convém lê-lo por inteiro; não dispondo do espaço necessário, contentamo-nos em publicar aqui as passagens que nos pareceram mais explícitas.

“... A maioria dos homens deseja ver, em nome dessa fraternidade universal, os diversos povos unirem-se entre si por laços cada dia mais estreitos.

É um resultado semelhante que alguns se esforçam por obter na ordem da Lei Nova, trazida por Cristo Nosso Senhor. Convencidos de que é muito raro encontrar homens desprovidos de todo sentido religioso, vê-se que alimentam a esperança de que seria possível levar os povos, apesar de suas divergências religiosas, a um entendimento fraterno sobre a profissão de certas doutrinas consideradas como um fundamento comum de vida espiritual.

Por isso, eles começam a realizar congressos, reuniões, conferências, frequentadas por um número considerável de ouvintes, e, em suas discussões, convidam todos os homens indistintamente, os infiéis de todos os tipos, assim como os fiéis de Cristo, e até mesmo aqueles que, infelizmente, se separaram de Cristo ou que, com firmeza e obstinação, negam a divindade de sua natureza e de sua missão.

Tais empreendimentos não podem, de modo algum, ser aprovados pelos católicos, pois se apoiam na tese errônea de que todas as religiões são mais ou menos boas e louváveis, no sentido de que todas igualmente, embora de maneiras diferentes, manifestam e significam o sentimento natural e inato que nos leva a Deus e nos impele a reconhecer com respeito o seu poder.

Na verdade, os partidários dessa teoria se desviam em pleno erro, mas, além disso, pervertendo a noção da verdadeira religião, a repudiam e caem, por etapas, no naturalismo e no ateísmo. A conclusão é clara: solidarizar-se com os

partidários e propagadores de tais doutrinas é afastar-se completamente da religião divinamente revelada.

É verdade que, quando se trata de favorecer a unidade entre todos os cristãos, certos espíritos são facilmente seduzidos por uma aparência de bem. Não é justo, repete-se, não é mesmo um dever para todos aqueles que invocam o nome de Cristo abster-se de acusações recíprocas e unir-se finalmente um dia pelos laços da caridade uns para com os outros? Quem ousaria afirmar que ama a Cristo se não busca com todas as suas forças realizar o próprio voto de Cristo, que pede ao Pai que seus discípulos sejam "um"? Além disso, Cristo não quis que seus discípulos fossem marcados e distinguidos dos outros homens por este sinal: que se amassem uns aos outros: *"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros"*? Praza a Deus, acrescentam, que todos os cristãos sejam "um"! Pois pela unidade seriam muito mais fortes para repelir a peste da impiedade que, infiltrando-se e espalhando-se cada vez mais, prepara-se para arruinar o Evangelho.

Tais são, entre outros do mesmo gênero, os argumentos que espalham e desenvolvem aqueles que são chamados de pancristãos. E não se diga que esses pancristãos são poucos e dispersos; ao contrário, multiplicaram-se em organizações completas e fundaram associações amplamente difundidas, dirigidas, na maioria das vezes, por não católicos, quaisquer que sejam suas divergências em matéria de fé.

Seu empreendimento é, aliás, perseguido tão ativamente que obtém em muitos lugares a acolhida de pessoas de toda ordem e seduz até mesmo numerosos católicos pela esperança de formar uma união conforme, aparentemente, aos votos de nossa Mãe a Santa Igreja, que, certamente, não tem nada mais a peito do que chamar e reconduzir ao seu seio seus filhos desgarrados.

Mas, de fato, sob as seduições e o encanto desses discursos, esconde-se um erro certamente muito grave, que desloca de ponta a ponta os fundamentos da fé católica.

Advertidos pela consciência de nosso cargo apostólico a não deixar que o rebanho do Senhor seja envolvido por erros perniciosos, apelamos, veneráveis irmãos, ao vosso zelo para que vos acauteleis contra tamanha desgraça. Temos, de fato, confiança de que, por escrito e por palavra, cada um de vós poderá facilmente alcançar o seu povo e fazê-lo compreender os princípios e as razões que vamos expor, e que os católicos poderão encontrar neles uma regra de pensamento e de conduta para os empreendimentos que visam a reunir, de qualquer maneira que seja, em um só corpo, todos aqueles que se reclamam do corpo cristão.

É aqui a ocasião de expor e refutar a falsa teologia da qual visivelmente depende toda esta questão e de onde partem as múltiplas atividades concretas dos não católicos em vista de confederar, como dissemos, as igrejas cristãs.

Os autores desse projeto têm o hábito de alegar quase infinitamente as palavras de Cristo: "*Que eles sejam um... Haverá um só rebanho e um só pastor*", mas querendo que, por essas palavras, seja significado um voto e uma oração de Cristo Jesus que, até hoje, teriam sido privados de resultados. Sustentam, de fato, que a unidade de fé e de governo, característica da verdadeira e única Igreja de Cristo, quase nunca existiu até agora e não existe hoje; que essa unidade pode, certamente, ser desejada e que será talvez um dia estabelecida por um entendimento comum das vontades, mas que, entretanto, deve ser considerada como uma espécie de sonho.

Acrescentam que a Igreja, em si mesma, por sua natureza, está dividida em partes, isto é, constituída por muitas igrejas ou comunidades particulares ainda separadas, que, apesar de alguns princípios comuns de doutrina, diferem em todo o resto; que cada igreja goza de direitos perfeitamente idênticos; que a Igreja foi una e única apenas, no máximo, desde a idade apostólica até os primeiros concílios ecumênicos. É preciso, portanto, dizem, negligenciar e afastar as controvérsias mesmo as mais antigas e as divergências de doutrinas que ainda hoje dilaceram o nome cristão, e, por meio das outras verdades doutrinárias, constituir e propor uma certa regra de fé comum: na profissão dessa fé, todos sentirão que são irmãos mais do que o saberão; somente uma vez reunidas em uma federação universal, as múltiplas igrejas ou comunidades poderão opor-se com força e sucesso ao progresso da impiedade.

Esta é, veneráveis irmãos, a opinião comum deles. Há, todavia, alguns que afirmam e concedem que o protestantismo rejeitou demasiado inconsideradamente certos dogmas de fé e várias práticas do culto externo, agradáveis e úteis sem dúvida, que a Igreja Romana, ao contrário, ainda conserva. Apressam-se, aliás, a acrescentar que essa Igreja Romana, também, se desviou, corrompeu a religião primitiva, acrescentando-lhe certas doutrinas não tanto estranhas quanto contrárias ao Evangelho e obrigando a crer nelas; entre essas doutrinas, citam em primeiro lugar a da primazia de jurisdição atribuída a Pedro e a seus sucessores na sede romana. Nesse número, há alguns, bem poucos é verdade, que concedem ao Pontífice Romano seja uma primazia honorífica, seja uma certa jurisdição ou poder, que, todavia, estimam, decorre não do direito divino mas, de certa forma, do consentimento dos fiéis; outros chegam a desejar que seus famosos congressos, que se poderiam qualificar de variegados, sejam presididos pelo próprio Pontífice.

Contudo, se podem encontrar-se não católicos, aliás numerosos, que pregam a plenos pulmões uma comunhão fraterna em Cristo Jesus, não se encontraria nenhum a quem viesse o pensamento de submeter-se e obedecer ao Vigário de

Jesus Cristo quando ele ensina e quando comanda. Entrementes, afirmam que tratarão de bom grado com a Igreja Romana, mas em direitos iguais, isto é, como iguais com um igual; mas se pudessem tratar, não parece duvidoso que o fariam com o pensamento de não serem obrigados, pelo pacto eventualmente concluído, a renunciar às opiniões pelas quais, ainda agora, permanecem em seus erros e em seus desvios fora do único rebanho de Cristo.

Nessas condições, é evidente que a Sé Apostólica não pode, de modo algum, participar de seus congressos e que, de modo algum, os católicos podem dar seu apoio a tais empreendimentos ou colaborar com eles; se o fizessem, estariam concedendo autoridade a uma falsa religião cristã, inteiramente estranha à única Igreja de Cristo. Poderíamos tolerar - seria o cúmulo da iniquidade - que a verdade, e a verdade divinamente revelada, fosse objeto de acomodações? Pois, na circunstância, trata-se de respeitar a verdade revelada.

Como, então, conceber a legitimidade de uma espécie de pacto cristão, cujos aderentes, mesmo nas questões de Fé, manteriam cada um seu modo particular de pensar e julgar, ainda que em contradição com os dos outros?

Na verdade, não sabemos como, através de uma divergência tão grande de opiniões, o caminho para a unidade da Igreja poderia ser aberto, quando essa unidade só pode nascer de um magistério único, uma regra única de Fé e de uma mesma crença dos cristãos. Por outro lado, sabemos muito bem que, por aí, se dá um passo facilmente em direção à negligência da religião ou ao indiferentismo e ao que se chama Modernismo, cujas infelizes vítimas sustentam que a verdade dos dogmas não é absoluta, mas relativa, ou seja, que ela se adapta às necessidades mutáveis das épocas e dos lugares e às diversas tendências dos espíritos, já que não está contida numa revelação imutável, mas é de natureza a se acomodar à vida dos homens."

(fim da citação)

P. R.